Salomão Rovedo

Canto da minha maneira.
Que me importa si me não entendem?
Mario de Andrade

Amaricanto



(Poesia)

Sentado aqui, escrevendo, páro e vejo
bem lá dentro de mim, acesa, a luz
que me guia para a destruição.
Torquato Neto

Rio de Janeiro
2003

20 POEMAS QUASIDARKS

1

> “Aonde jazem os instantes
> soturnos da peste?”
> Isabel Câmara

Nem tanto ao Sol, nem tanto ao soturno:
astrônomos conjeturam a Terra sem Sol
e tão somente abraço a perda da manhã.

Nem tanto a Terra, nem tanto a Saturno:
o infinitésimo espaço que preocupa
não abarca a viagem da nave estrelar.

Nem tanto a terra, nem luminosidade:
o passo seguinte é o abismo total
– quando à beira de lugar nenhum.

Nem tanto ao Sol, nem tanto à Lua:
espacial é a noite cedida à claridade,
aos destemores diurnos e noturnos.

Nem tanto à Terra, nem tanto ao Sol:
de pés no chão diluir-se a cada pegada
e indomável amar, técnica do olvido.

Nem tanto à Lua, nem tanto ao soturno:
vagar, vagar paralisado, terror da luz,
esquecer-se, soltar-se ao plano imediato.

E enquanto astrônomos conjeturam
a Terra sem Sol, tão somente isso,
eu só lamento esta perda da manhã.

2

> “Venho sistematicamente
> me estraçalhando
> nos vidros da janela.”
> Many Tabacinik

Pouco mais que isso: poesia
de cortar os pulsos sem comoção.

Um canto mais deprimente
que heroína, mas que fala de amor.

A vida perfeitamente enojada:
viver parece nunca ter fim.

Na ausência ou na existência,
que importa? Desiludidamente.

É que depois a solidão torna
tudo demais pós-comoção.

Quem está pronto para ter o coração
partido de tristeza ainda mais?

A vida é um longo caminho
perdido entre poeira e asfalto.

Quem vai crucificar o sentimento
– esse podre coração de aço?

Quando se é jovem para sempre
toda vida é uma canção injusta.

3

“El alma vuela y vuela.”
Nicolás Guillén

Pega minhas mãos frias e beija.

Meu peito sem hálito acaricia.

Fixa meus olhos baços lacrimejantes.

Exaure-me todo, toda a resistência.

Totalmente desequilibrado em pênsil arame.

Deforma-me com tuas mãos quentes de barro.

Quebra-me os ossos, guarda-os para ti.

Elabora um brinquedo desmontável.

Traz o brilho nauseante dos teus olhos.

Baixa minhas pálpebras deslustradas.

Apaga minha penúltima Luz!

4

> “Mas é que não me lembro
> de teu rosto
> menino menino.”
> Patrícia Blower

Um fio de vida retém o corpo menino
na madrugada que encobriu a noite.
Migalha de pão foi um dia, fio de vida,
detém derradeiras gotículas de lágrima.

Cheiro de barro molhado e terra preta,
estrume, húmus aquoso, água de chuva.
Últimos pingos de chuva e brisa e sal
morrem aqui e no chão do horizonte.

Só um piscar de vida mantém cálido
este corpo criança, criança, criança.
Fluídica, oleosa, carma inesperado,
alma revestida de asas alça vôo e voa.

5

> “Mi propia canción amante.”
> Gabriela Mistral

Canto inteiro

Este canto madurinho canto,
Canto que jamais apodrece.
Cresce o cantor e a cantiga
Enquanto o céu desaparece.

Canto pleno

Canto doído, doidinho canto,
Canto que dói e desmancha.
Brilha a cor, brilha a mancha
E o rubor do sangue avança.

Canto interior

Este canto deslavado, canto,
Canto afônico e desbocado,
Vomitando vozes de acalanto,
Canto que já canto alucinado.

Canto passageiro

Este canto esquecido brasileiro,
Canto de quintal e de pagode,
Canto sozinho ou com coral,
Mas é meu canto por inteiro.

6

> “Saio pela noite
> com promessas na boca
> atrás do que sofrer.”
> Glória Perez

Atraído pela grande noite,
noite que tudo engole
e a todos atordoa e fere,
debruço o meu ser todo
sobre esse itinerário réu.

Em fuga das celebrações
infelizes, bendigo todos os
fantasmas desconhecidos:
sisudos e tristes, moleques
e traiçoeiros, bem vindos!

País de lendas e crendices,
bem vindos ao itinerário
nenhum de loucas mentes
corrido nas horas mínimas
nas horas de prestar contas.

7

> “Uma doce canção,
> um beijo entra em mim
> e dói meu coração.”
> Claudia Pequeno

Dizem que o coração não dói.
Imagino-o um feixe de músculo louco
movido a sangue que rega, bombeia,
contínua, tresloucadamente, o corpo todo.

E dói. Neste exato momento sinto
o pulmão imprensá-lo com seu fole
monstruoso contra algo – e esse terror
me tira o fôlego. Dói que nem respiro.

Sequer posso raciocinar com essa dor
que impede de deitar em decúbito:
Sento na poltrona e algum conforto
me diz que essa posição o agrada.

Mas o coração ainda dói e faz-me *ver*
os problemas, está me comunicando
as mil dificuldades que tem para cumprir
a função milagrosa de me manter vivo.

Semelha muito motor de velhos carros,
sofrendo encanecido para subir ladeiras
– geme, fumega, freme. E como dói,
parece me passar um recado clemente:

– Estou mal, diz choramingando, vou parar
a qualquer momento inexato, sem aviso.
Coração não mata (dizem), a morte advém
com o fim da atividade cerebral. Pois bem.

Que importa? Meu coração seguramente dói:
e quando cansado decidir parar de uma vez,
nem precisa dar sinal ou Aviso Prévio:
com ele irei também solenemente. De dor.

8

> "Senti no impulso de abrir os olhos o temor de
> encontrar os dela."
> Bruna Lombardi

Antes da travessia houvera o bom Deus
ceder-me uma vez só
o prazer de despertar a teu lado.
Uma vez só – não mais – deixa-me
exercitar o direito que o tempo
úbere despejou sobre nós dois.
Quando o dia inda plúmbeo
invadir de sombra gris
tua pele de areia e vier
turvar os lençóis alvos,
um dia só – nem mais,
queria a teu lado acordar,
ouvindo teu ressonar morno,
pacífico, amante, a suspirar sonhos.
Queria uma só vez aspirar
do teu corpo algáceo

o perfume de água do mar
nas manhãs de inverno.

9

> “¡Que sea como el Che!”
> Fidel Castro

> “Subversivo e perverso
> morre um jovem na rua”.
> Renata Pallottini

Pelo menos uma vez na vida me passou
pela cabeça a idéia de fazer a Revolução.
Sob o outdoor da Coca-Cola
dormem crianças e de manhã brigam
pelo café-com-leite.
A TV noticia a seca juntada ao flagelo,
à fome, retirantes expulsos do campo
para a cidade grande.
Ao menos uma vez alguma das minhas
sete vidas pensei podar...
Já senti latejar no sangue o chamado
do Che Guevara, o grito
de Augusto Sandino,
ouvi as preces de Yásser Arafat.
Camarada Gorbachov, irmão Che,
compañero Fidel, sei que faremos
o possível para que um dia
o heróico povo palestino possa despertar
independente e soberano,
livre e soberano.
Quando o Líbano tiver varrido
o mapa de sangue, quando não mais houver
Sabra & Chatila, poderemos dizer:
eis o estandarte da Paz
para sempre empunhado,
atado aos ramos de oliveira.
Para fazer reviver a esperança
a todo custo, três retratos
fotografam apenas a realidade:
– Não há vida honrada no campo.
– A fome campeia desbragada nas cidades.
– Temos um Líbano, uma Etiópia,
em cada caatinga.
Novas secas, novos latifundiários,
novos donos.
Entre as lajes de concreto dormem

crianças, despidas, lutando por
um prato de comida e pão.
Novas raças de mortos vivos,
retirantes do século, filhos dos filhos,
netos dos netos, migrantes do pó.
Todos fugiram das secas pré-fabricadas
como zumbis, dos plantadores
mecanizados, da soja for export.
Amanhã serão bandidos, será o mesmo
do mesmo, mas quando virá aquele,
cuando virá aquél
– ¿Que sea como el Che?

10

> "estar assim,
> de ponta a ponta esvaziado, quieto,
> sem derrota de amor e de abandono."
> Vito Pentagna

Viver sozinho é bom. Muito bom.
Desde que se viva longe da solidão.
Não. A solidão não é má companheira.
É boa a solidão sozinha.

É por causa das duas ânsias
de viver: Do jovem, quando
a vida se aproxima com
a velocidade da luz.

Do outro, para o qual ela
(senão a vida mesma),
vai se desfazendo passado,
ano-luz de velocidade.

O mundo está acabando?
Que se acabe o mundo!
– Estou infeliz...

A felicidade onde está?
Que se dane a felicidade!
– Estou na curva do oceano...

Abraçado à paixão,
não quero dela despojar-me.
Jamais. *Lo que pasa es que*
el mundo está borracho.

11

“Arde la guitarra sola
mientras la luna se acaba.”
Nicolás Guillén

Essa lua que se abate
sobre la quimera
do meu desespero, me ensina:
no, las rondas no son buenas.

Só o farfalhar das folhas secas
largadas na umidade do chão nosso,
causan daños, causam penas.

Sentir não só a dor humana, mais.
Aragón, Vallejo – Vallejo, Aragón,
não se pode declamar mais.

Quem está pronto para governar
o destino de todos nós?

No, las rondas no son buenas...
Ó voz, fala por mim que estou mudo:
– Qual a extensão do arranjo?
– Qual a extensão de tudo?

Fala por mim ó voz do mundo,
que jamais um dia dentro de mim,
jamais quis um dia me ver...

Lua que se derrama sobre
la tiniebla de mi soledad.

12

“Deixo para ti
Meu sono de profeta da clandestinidade.
Trago-te de volta ao que eras.”
Thereza Christina Rocque da Motta

Que bom te ver de novo.
Digo: bom te ler de novo,
cada vez que te revejo em livro
ou em cartas antigas,
caramujo fora da concha.
Quero tirar proveito do sonho,
transformá-lo em realidade temporã.
Desfazer laços, nós, liames,

desprender elos, destruir cadeias.
Em pequeníssima conta me tenho:
gostaria de tirar esse peso morto.
Nenhum projeto, nenhum passo a dar.
Jamais receber de forma tradicional,
sobras de restinho de vida, se me resta.
Romantismo repetido inúmeras vezes
disfarçadamente, em algumas levezas.
Bom te reler, repassar colares de frases,
consumir tuas palavras, bebê-las...
Essa pena por não poder respirar-te,
respirar-te aos segundos em literatura.
Somos assim tão leves?
Que tal decifrar o mistério?
E por fim viver definitivamente
à margem da margem da loucura.

13

> “O controlador dos universos
> deu-me o dom da vida.”
> Márcio Catunda

É como quero – faço o mundo.

É como faço – quero-o assim:
Aqui e agora, nem ontem,
quente e amigo, sem amanhã.

Frio e com a aspereza do aço.
O universo é salada de alface:
Limão, tomate, cebola e alho pisado.

E azeite bastante, como tu fazes.

14

> “É deixar a vida
> à espera
> na soleira da porta.”
> Patrícia Blower

Mariscos a la ostra.
Como é saboroso senti-los vivos:
Água do mar na saliva
e umas gotas azedas de limão.

Mariscos a la ostra.
Um bom tinto entre garfadas
e agora podem morrer na boca
como beijo venenoso das deusas.

Mariscos a la ostra.
Tê-los completamente de porre,
em Viña del Mar ou Reñaca,
no Oceano Pacífico valente,
ou no Oceano Atlântico pacífico.

Mariscos a la ostra.
Maranhão ou Rio de Janeiro,
em Araçagy ou Recreio,
sabem ao puro e rico sabor,
ressaca braba dos lábios da sereia.

15

> "Queres o mistério da alma?"
> Thereza Christina Rocque da Motta

Aprendi a mexer contigo...
Assimilei recuperar a liberdade,
mas não sei de plenos mistérios.
Segredos animam a amizade e mais.
Achei-te em foto de capa de livro,
matizes entrecortados em puzzle.
Retrato enfeitiçado, olhar vudu,
Íris que atanaza um qualquer.
Aos olhos verdes que gritaram,
Vem! – meus olhos responderam:
– Por que não?
Desde então desatinei corpo
e alma sem medo de rejeição.
Sem temer ouvir um não.

16

> "Es morir, es temblar, es desgarrarme
> ¡Sin compasión el pecho!"
> José Marti

Há dentro de mim o poeta e fora de mim:
É quem sustenta o outro desesperado e nu
que já puxou o gatilho mais de uma vez.
O poeta-dentro é sentinela de mim,
alma boa que me acha perdido beco a fora.

Quem arrebanha a ovelha desgarrada,
nas ruas, descaminho impuro,
invisível pastor é o poeta.
O poeta dentro de mim espelha e reflete,
convivem com irmãos desiguais, reflexos,
bifocais, ramais de ramais, palavras extintas.
É quem susta a morte, quem sustenta
a alheia ventura do homem comum,
irresponsável zelo, sobrevida da alma,
alma comum, não-poeta...

17

> "A tua ausência é um abismo
> à beira do qual a minha vida se debruça."
> Márcio Catunda

Quanta senda tem teu corpo?
Quero saber por inteiro,
Desvendar o teu mistério,
Quero ser teu cavaleiro.
Quanta sarda tem tua pele?
Quero contar em anos-luz,
Navegar o teu espaço,
Espaçonavegar entre asteróides.
Quanta fenda tem teu corpo?
Quero mapear desfiladeiros,
Regressando àquele porto,
Enseado em teu regaço.

18

> "A morte
> à minha altura
> à minha imagem
> à medida do meu pé."
> Jacques Rigaut

Atraído pela Grande Noite,
negra que engole a tudo e a todos,
debruço-me sobre o itinerário nenhum.
Ó sacro lugar onde o homem pode
encontrar-se consigo mesmo!
Para o final ajuste de contas
ainda é a Noite Grande que serve
à fuga, às celebrações infelizes.
Objetivos nenhuns, quase nada.
Bem-vindo fantasma desconhecido,
sisudo e triste: seja bem-vindo.

Bem-vindos pais de lendas e crendices.
A vida reclama considerações amargas,
exige couro e pele, sangue e alma.
Enfrentar-se à margem de tudo.
Bem-vindos à borda do nada.
Bem-vindos profetas do destino algum.

19

> “Antes que vingue outra esperança
> Quero as sombras do branco espesso.”
> Adalgisa Nery

Lá fora nada mais tem significado algum
para estacionar fragmentados demônios.
Quero mais é uma morena bem amulatada
de cabelos crespos, quadris e peito fartos.

Antes de anavalhar a face e depois de merecido
repouso ir morrendo devagarinho, devagarinho...
Sob as árvores, sombra e brisa, levíssimas,
refletem as calmarias, fixam o ocaso.

Desenham-se as capoeiras que relembram
o caminhar em trilho deserto, sem vento.
Entre as árvores o Boitatá desprotege
todo o verde roçado, já abatido, ressecado.

Tudo seco, triste, queimado, em carvão,
remoído e seco como faces enrugadas.
Bem-vindos deuses protetores das matarias.
Bem-vindas uiaras, deusas dos rios sem água.

Quando o fósforo caiu, a chama cresceu
desalmada, enodoando o azul do céu com carvão.
Traído pela Grande Noite debruço-me em reza,
à paisagem diuturna de fogaréu em cemitério.

20

> “Sálvenme de una vez
> O dispárenme un tiro en la nuca.
> No me gusta mirarme
> En los espejos salpicados de sangre.”
> Nicanor Parra

Sim, crava as lupinas garras, em beijo
cinematográfico, mutila-me a face
e inunda de sangue tua sedenta goela.

Deixa escorrer, depois, o rubro mel
entre os lábios gelados, inquietantes,
horrendos, alucinantes, surrealistas.

Mas, para alcançar a salvação externa,
minha rainha, desiluso exijo explicação
pura sobre algumas doidas loucuras:

– Por que perder o ambicionado tesouro?
– E nos fazer gozar o desprazer antecipado?
– Por que possuir o amor indesejado?
– E nos fazer livres para o proibido?

(São clamores de magos e pajés
que não consigo compreender).

20 POEMAS SEMIDOWNS

1

> “Esta violência toda, colorida,
> em close, em minha sala.”
> Aglaia Souza da Fonseca

(Balada Euclid&Anna)

Manhã de agosto (ou janeiro),
disposto a matar e morrer.

Os anos remexem as cinzas
dos antepassados, anelam
os elos da fatídica corrente:

acontecimentos que revivem
a tragédia burguesa diária,
história de condenados amores.

De mais um trágico amor,
os trechos eminentemente
sangrentos e folclóricos.

A partir de páginas
levianas, falsas, caluniosas,
infamantes, injuriosas...

Euclid&Anna, águas de dor,
amargura do início ao fim.

Príncipe da Vida e das noites
de ânsias rudes, indolentes.

Amor amante, de pé de cama,
torrente de mágoas que cai
e desemboca no abismo de dor,
no vulcão de suspeitas...

Galhos carpidos de árvores
genealógicas, carcomidas,
se agridem e se defendem.

Buscam o silenciar da ira,
calar o estampido do século.

2

“Um sol que vertia sangue
sobre o monte...”
Suzana Vargas

Manhã suspiro, manhã vã, manhã
– em suicídios despedaço.

Dia ido, dia perdido, dia falido
– em fluidos me desiludo.

Tarde orca, arde tarde, tarde morta
– em compotas, desditosa.

Sol morto, sol posto, sol baço
– em pedaços, desperdício.

Noite lenta, asquerosa, gosmenta
– entre lençóis de cetim...

Madrugada alada, alva parada
– em chumbo desesperançado.

De manhã eu piro em vão, amanhã
– em suicídios de bala de aço.

3

“Passa a nuvem do sonho
passa a corrente da água.
“Kátia Bento

Exercício mundano esse de ir-se
ir-se devagarinho estrada afora
sair à francesa de mansinho ir-se
sem alarde ir-se sem despedida
sem fazer-se notar sem adeus ir-se
ir-se discretamente em silêncio
sem pegada ir-se sem grito palavrão
sem reclame nem discurso ir-se
ir-se fumaça de cigarro evolar-se
sem que ninguém dê por falta ir-se
sem ódio nem rancor ir-se sem matar
ir-se sem deixar pisadas na areia
sem cocaína maconha ou heroína ir-se
sem amor ir-se sem saudade por aí...

4

> "É chegar e ao mesmo tempo ouvir,
> saber entregar-se e chegar
> mesmo tendo sempre que partir".
> Solange Sileikis

Estrela-guia permite ao poeta
a magia da distância.
Permite ao amado
esse viver amado,
quase sempre adoidado
à distância.

Estrela-guia concede ao Nauta
o dom de estar no deserto
e longe te ver.
Permite ao cantor
sorver a luminosidade
distantes bilhões anos-luz.

Estrela-guia entrega ao errante
o menor amor, polígamo,
onírico, monógamo.
Permite ao solidário
sempre, eternamente,
a esperança,
sozinha e distante.

Estrela-guia devota ao Argonauta
o calor do aconchego:
para que não sofra
a decepção da frialdade.
Permite que pise teu solo
e não o desértico
solo da Lua, de Marte,
de Vênus, de Sírio.

5

> "... que posso escrever?
> De que servirão as palavras?"
> Fadwa Tuqan

> "Porque as palavras são muros
> Construídos."
> Nauro Machado

O mistério habita a palavra

e cabe ao poeta traduzir.
Arar para a semeadura,
irrigar o campo, a seara,
convidar o leitor à colheita.
No intrincado labirinto
da frase encontra o poeta
alimento para o dizer.
O leitor descaminha,
faz turismo pelas ruelas
dos versos ele busca
migalhas do viver eterno.
Fala poeta, destila bile e doçura!
Versa o mistério que habita
a palavra e após a seara
lavra a verde colheita.
Fruta e cereal será alimento,
leva-os ao sal, tempero, ardor.
Intrincado labirinto de frases,
transforma em elemento,
mapa, bússola na estreitíssima
ruela da vida acende o farol,
oferece a baía e o ancoradouro.

Por ali perdido caminha o leitor.

6

> “Antes eu era o verde de seu leito sem espumas
> Peixe e rosas no crepúsculo das águas.”
> Terezinka Pereira

Cantar os rios, sim, eles são belos
e contemplá-los muito nos ensina.
Mas para que servem as margens?
Sim, o rio tem águas importantes,
transforma as margens em paisagens
passageiras, em visões e miragens...
O rio é, sim, o Rei das Selvas
e das planícies, cujas águas límpidas
formam remansos e correntezas.

Mas – e as margens?
Ninguém canta as margens,
sós os rios e suas águas milagrosas.
Todos cantam, mas as margens,
serão simples terras a desfilar
rapidamente à vista dos passantes?
Terras férteis – filhas fixas e perenes

dos rios, imutáveis barrancos.
O rio passa célere, mas as margens
presenciam vidas verdes,
que ali permanecem pela eternidade.
Volta e meia revoltam-se, mudam de lugar.

Todos cantam os rios, mas as margens?
Os rios são assim: importantes
mais pelas águas cristalinas,
que pela margem.
As estrias das margens enodoam
de humo e lodo o rio e desse
contrastante milagre foi de onde
resultou a vida – não a morte...

7

> “Morte, benfeitora morte,
> Eu vos proclamo
> Benfeitora, ôh morte!
> Benfeitora morte!
> Morte, morte...”
> Mário de Andrade

A morte pede condolências.

Objetivos todos ou uns somente,
a vida pede consideração, ameaças.

Exige confrontos e um sempre
enfrentar-se à borda, à margem,
à beira do próprio reflexo.

Quem não tem objetivo à frente,
fica cara a cara com a morte,
antes de cortar a jugular.

8

> “Anda sempre tão unido
> o meu tormento comigo
> que eu mesmo sou meu perigo.”
> Luís de Camões

Sem derramar uma lágrima.

Jogar dados, atirar casca
de banana pela janela.
Caroços de tangerina

expelidos com um – plut! –
igual bala de revólver.
No espaço exterior
largar os cacos de tudo.

Sem pensar em pedir perdão.

Nada de arrependimento
precoce, travo e rancor:
como os répteis, largar
a pele nos caminhos.

Sem rezar salmos a Deus!

Ou pedir interveniência
de santos, babalaôs, orixás,
primitivos e derivados,
deuses intocáveis.

Sem implorar aos céus!

9

> “Ah, se dormir o sono fosse, apenas...
> Entregar-se à deriva, sem velame,
> sem mastro, sem cipreste, sem bandeira!”
> Vito Pentagna

Rede lembra defunto. Lembra.
Adormecer embalado pelo passo
acelerado dos carregadores.
(Incelença é cantiga de ninar).
Ó Cometa de Halley desditoso,
abençoa-nos caudal de cristal.

Noite alta ou madrugada despertar
de cara para o céu majestoso.
(Estar vivo. Silêncio, mais silêncio!)
Não foi a morte quem me arrochou
o coração como se espremesse limão?

A estrelinha, arco-íris reconhecida
é amiga dos desvãos da infância.
A mesma, mesmíssima, multicor,
hipnotiza o pisca-piscar caleidoscópico.
Não há nada entre a Terra e o infinito.
A constelação do Cruzeiro do Sul
reclina-se numa rede, preguiçosa.

"Débil llega el mar
hasta mi cuarto
meciéndome
entre sus algas dedos"
Carmen Berenguer

Mar de meditação.
Mar primordial.
Mar principalmente carioca.

Origem e fim de tudo,
bate no Rio de Janeiro
mandado por Iemanjá
ou por Posídon.
Banha Uiaras de areia,
engole atrevidos, ousados.

Mar de cores impuras,
que manda a saúde embora.
Bendito seja o fruto
do teu profundo ventre,
zelai os pescadores.
Trazei no toldo das ondas
o alimento de todos os dias,
o sal amargoso do batismo,
o sal da fé e da vida.

Mar que aceita surfistas,
travessos amantes notívagos,
ambos enfeitiçados
pelo encanto das sereias.
Barcos, iates, saveiros,
mar de engolir navios.

Mar de desertos e praias:
Copacabana – verde de musgo,
Arpoador – altar de beleza,
Ipanema – convite ao carinho,
Leblon – caminho da Barra.
Grande ventre de silêncios,
algas negras que geram
moléculas viscerais,
amniótico líquen,
negro ventre abençoado,
rezai por nós predadores.

Mar perdido por meandros
das praias do Recreio,
lagoas, seios, pântanos,
coxas, restinga de Vênus,
rumo a outros litorais.

Mar de liturgias e orações,
mar essencial, onde navegam
pensamentos e pirilampos,
mar que é rio, mar de rosas,
mar da antropogênese de nós.

11

> “Fomos o frágil perdão e castigo,
> um pouco do ser homem e mulher.”
> Xênia Antunes

Está próximo, bem próximo,
o lado inumano e humano
do mistério feérico.

Um microssinal, sublimado,
acende sensações latentes
e todo o ser estrala.
Desperta para o impasse,
o entrave de dúvidas,
questões inamovíveis.

A simples constatação de que
em nós perdura o rotundo,
– o inexplicável nada.

12

> “Mi patria es dulce por fuera,
> y muy amarga por dentro...”
> Nicolás Guillén

Tem um Brasil desgovernado,
que a ninguém dá parentesco.

Um Brasil rebolando pelos palcos,
praças e palanques – Universal.
Tem um Brasil de açúcar,
da cocada, do melado e do sal.

De melado moreno e melaço,
pai-da-cachaça e pai-do-rum.
Tem um Brasil brasileiro,
como não há outro algum.

Esse Brasil está gingando
nas coxas de suas mulheres.
Êta! Mulheraça amorenada geme!
Escrachada geme, acavalada.

Sobre as pernas dos pares geme
e canta e suada toda remelexo.
Som dos metais e de madeiras,
atabaque, teclado e bateria.

Geme o herói que larga o futebol,
Maracanã, Pacaembu, Beira-Rio.
Tudo trocou o nosso herói,
pela cintura das mulheres.

Geme que no couro do ti-ti-ti
o Brasil-açu jamais é humilhado.
Irmão bonito, pássaro verde-e-amarelo,
guarás, araras, garças, maracanãs...

Tem um Brasil desgovernado,
que a ninguém dá parentesco.

13

> “No mar interior não naufragam nunca os
> veleiros da madrugada.”
> Tasso da Silveira

A aventura é sempre,
o descanso – jamais.
A praia é eterna,
ninguém carece de cais.

Essa carícia, tão terna,
irreprimível jamais.
A ventura é para sempre,
amor, o amor é sem paz.

O campo é das abelhas,
como aquela história velha:
as formigas trabalham,
cigarras cantam e morrem.

14

"teu olhar é esta manhã vulgar
dos domingos".
Maria Amélia Mello

Mal de desamor
dos olhos é distância:
o corpo voando longe
detona a saudade
– convivendo perto.
Mal de desamor,
enquanto constância
dos adeuses:
será um monge
alimentado a grilos
– nos desertos?
Mal de desamor,
frágil alimento,
que vive de múltiplas
e vastas despedidas:
a cada nova partida
– a cada segundo...

15

"E se quiseres, lembra-te;
Se quiseres, esquece."
Christina Rosseti

Toda casa tem um passado.
Das janelas vislumbra-se as ruas.
É nas ruas que a vida perpassa.
Dentro da casa – móveis mortos.
Dentro da casa – fantasmas circulando
Dentro da casa esboroam ficção e sonho.

– É bom ficar atento!

16

"Ninguno me hable de penas
porque yo penando vivo."
José Hernández

Sentir a dor dos homens!
Aragón, Vallejo – Vallejo, Aragón...
Como dizer e ir mais além?

Zé Régio, Neruda – Cecília, Martí...
Muitos irmãos, meus próximos.

Florbela, Varela, Nobre, Azevedo...
Perdidos entre florestas de solombras.
Camões, Gregório – Mário & Oswald...

Quem governa o Destino de nós?

17

> “As romãs entreabrem-se
> Em líquidos rubis.
> E as rosas sangram, rubras,
> A sua luz de ardente ocaso”.
> Vanilton Brito

(Vozes vangoghianas)

Telhado de matizes cinzentos,
ora castanhos, ora avermelhados.
Porta branca, janelas amarelas,
cabelos grisalhos, têmpora giz.
Azul do céu sob crepúsculo cobre,
magnífico sol, personas negras.
Suave luz, suave claridade,
sebe de espinhos negros, negros.
O velho cavalo branco, branco,
bebe água tinta sobre capim seco.

Esqueleto de ossos descorados,
tempo sombrio, teto escuro.

Claridade pálida e alvacenta,
sobre telhas cobertas de musgo.
Árvore morta meramente enegrecida,
discerníveis no crepúsculo trêmulo.
Contra o céu contrasta a gleba escura,
cor de café, manchas esbranquiçadas.
Esfarrapado, brumoso tufo de nuvem,
gotas verdes recobrem a grama.
Sombras que passam velozmente,
estrume, cinzas, carvão, adubo.

(É preciso ter uma vez morrido
e, vagamente, morrer de novo...)

18

> “não, não tentarás o verso
> que te desculpe”
> Aricy Curvelo

O tempo consome
o tempo reduzido.
– Até mesmo a sombra
é mero feixe de luz.
Fogueira de incensos
o nascimento da poesia.
Sortilégios, delírios,
líricos devaneios,
Possessões oníricas.

19

> “Morte, irmã leiga, compassiva e pura
> de um convento de bruma, à beira-mar...
> “Tasso da Silveira

Que há ódios, enxeridos pelos demônios,
e há amores travestidos de rancores.
Que os pobres não desesperem jamais,
das demandas que fazem os tiranos.
Que se alegrem em samba e batucada,
com o desespero dos algozes.

E que, oferecendo-se desgosto,
o nojo não seja mais que a causa...
Que chupar um beicinho e cheirar
um pescoço seja prazer e pausa.
E cheirando a enxofre e a heresia,
Traçar a geografia diabólica.
Que os bruxos contemporâneos
(meio charlatães, meio mentirosos)
destrocem sem piedade suas farsas.

20

> “o amor nunca pode ser
> bonito desse jeito...”
> Ana Maria Pedreira

Sussurrante e soluçante,
o amor é um embaralhado de dores,
como quem corta os pulsos.

Um trespassar de cores,
policromática miragem
do mais moderno tecnicolor,

O amor é esmaecido ou é
intenso, quando não se está
pensando nele – e tudo está bem.

O amor é lúbrico e déspota,
quando não se está fumando
– e tudo vai bem.

O amor é lírico e obsceno,
quando não se está bebendo,
– e se sente bem.

O amor é fatal e suicida,
quando não se cheira coca
– e todos, todos são bons.

O amor é azulino, quando
derrama algum sangue,
impossível de registrar.

NEONOTURNO BELZONTINO

> "Estrelas árvores estrelas
> E o silêncio fresco da noite deserta
> Belo Horizonte desapareceu
> Transfigurada nas recordações."
> Mário de Andrade

Telhado de palha musgosa, só em quadro vivo,
o som dos passos apressados musicais gravados.
Tudo se dispersa no lusco-fusco gris do néon,
entretarde, entrenoite enegrecendo o asfalto.

Faz lembrar que cidade é essa maneira, mineira,
não mais cidade costumeira, alegre em cor e som.
Sítio tranqüilo, que Mário de Andrade, calmamente,
correu com amigos, tresnoitando insones sob o fog.

Calmamente destrinçar esquinas e paralelepípedos,
anotando no canto da mente sonoros noturnos.
Não, não, decididamente não é a mesma city mais:
tem ares de grandeza, vícios de Pequim, impurezas de NY.

Já é adulta a população grande e ninguém, ninguém,
ninguém (repito) assistiu ao seu formidável féretro.
Nem a última quimera, perdida no século, viu adentrar
pelas ruelas o senão moderno da mega-cidade ilhada.

Ninguém despiu a simplicidade sadia, ninguém a viu nua,
para fingir ousadias mega-alegorias, ninguém não despiu.
São velhuscas as árvores do Parque da Cidade, idosas, anciãs
que libertam besouros, colibris, aromas de madeira podre.

Sombras magníficas, aromatizantes, perfumes, cheiros
energéticos, verdes se matizando em mil matizes do verde.
O amargo azul profundo, quase negro, o amarelo, prateado,
aqui, ouro ali, um pouco cinza, negro, propondo misturas.

A cidade quase eterna cristalizou a ruína das vilas mortas,
hoje se revela átomo, como raio de sol entre frestas, listas.
Memória de becos, flores lilases, begônias, rosas, roxas:
o girassol que Van Gogh plantou, não vinga nesse jardim.

SAMBA PORNOSADOMASOQUISTA

> “A língua é o chicote do corpo.”
> Adágio Popular

> “Então eu fiz teu funeral
> – sem flores, sem corpo, sem caixão,
> – apenas para poder chorar a minha primeira lágrima.”
> Leila Míccolis

Ah, disgrama! Nunca mais verei o verde dos teus olhos assassinos,

pequeninos.

Nunca poderei, com ódio e rancor, fazer sangrar o teu clitóris,

oh Dóris!

Não conseguirei e desisto de chupar a rosa de teus peitos claros

e avaros.

No silêncio me masturbo com teu canto (escuro enigma) e gozo

medroso...

Não ouso ser solução nem ser o ator de tal e qual seara, dessa cena

obscena.

Poderei meter a língua na tua orelha e sentir ouriçada a tua nuca?

– Nunca!

Teus pelos púbicos, não – ah, disgrama! – não, jamais arrancarei,

canibalizarei.

Nem mais o verde-mata dos teus olhos verei, assassino, desumano,

de gusano.

Não sugarei os mamilos túmidos, estourados, tal bola de gás, não, não,

jamais.

Ademais, não sonharei na ponta da língua eriçar-te o sexo molhado

e ancorado.

Nem o prazer de Onan satisfaz, do teu terror, meu membro pênsil.

Ssssilêncio!

Mudo enigma, desencontro, afasta de mim a enseada da tua nádega

tresloucada.

Nem ouvirei o desesperado e selvagem grunhido que emites em gozo

– medonho!

Como sufocar o soluço, aplastado no pântano do ventre entre pêlos?

Atropelo?

Não realizarei o vício de meter a língua tensa no traseiro desgrenhado,

arrebitado.

LITURGIAS SATÂNICAS

"Dentro do cárcere a cela permanece escura,
mas sabemos que lá fora brilha o sol."
Ho Chi Minh

Ó mistério dos mistérios, és a poesia e a palavra, insolente
profanação, esconjuro de quebranto, eleição de porcarias,
enterro das esperanças. Iluminados loucos saem da insanidade,
da delirante ilusão, dizer: Não, não vimos o que vimos.

A insanidade encarnada no torturado – receptáculo
de toda rebeldia e pecado. Poesia de crueldade,
poesia de sangue, vítima de superstição,
ruptura da religião, rancor do contrato social.

Carentes de piedade são os especialistas em
revolução, na violação da lei. Moinhos capazes
de triturar desesperadamente os empecilhos,
que só afetam o aspecto exterior e nada muda.

A grande lei do coração, ó inconsciente, está
ao alcance das mãos: é a grande lei da esperança.
Febre de sonho, extensão invisível: arte de governar
as forças do mal, quando grassa a epidemia de magos.

Bruxas, feiticeiros, mestres, aprendizes de novas heresias,
os pajés das almas adolescentes reinam e agradecem.
O punhal, a agulha, o anel, a luz, o cetro, o fogo, a espada,
a labareda... Perfumes, papel virgem, caneta, tinta, sangue.

– Tudo serve para recriar o Pequeno Dragão Vermelho.
Blasfêmia – consagração do Inferno. Incesto – encantamento
fatal da carne. Órgãos inumanos, fragmento do próprio corpo:
carne, cabelo, unha, gota de sangue. Tudo serve...

Onirismo, sensualidade, prostituição do pequeno diabo,
apascentam rebanhos de galáxias em terras ermas, desérticas,
sem esperança. Oferendas, filtros de amor, guerra e de ódio.
Morrer quando move perseguição demoníaca capaz de provocar
fobia em anjos celestes.

Põe a bola de cristal no jardim, desditosa vítima do suplício alucinógeno.
Executa missa blasfema e, genuflexo, de um só grogue, entorna todo
o cálice de beladona e serás todas as proibições deliberadas.
(Temos de estar realmente loucos para viver a exaltação dos sentidos).

Na ilusão do poder repousa teu corpo no catre. Azulado o corpo frio,
deixa os músculos palpitarem refletindo ecos da alma lívida,
que no último espasmo se retorce, obscena e pecaminosamente.
Óleos santos, absinto, calamidade! Epidemia de repressão.

Não há esperança contra atrocidades que levam à miséria reinante.
Direta correlação com pragas e pestes, mescla de rebelião e fome,
dor de justiça, época de fazer vítima da incerteza, do refluxo social,
da privação, dos mapas que indicam a esperança. Onde Deus?

Eis quando a fome reinar como praga natural e dizimar a cozinha,
a despensa avassalar e igualmente servos e senhores, é hora.
Hora de clamar ao Senhor da Magia Negra com todas as falas.
Até mesmo Deus calará sobre a crise social, a angústia individual.

Até mesmo o Demo enfermo caminhará para fogueira em busca de consolo.
Eis quando se unirão crueldade e miséria: O medo se abraça ao terror.
O temor apascenta a inveja e a cólera. O ódio encontra exaltação na ansiedade.
Labaredas fatais e avassaladoras encontram receptáculo em todos os pecados.

Bruxo, carniceiro, carrasco afasta-nos das sombrias rotas da esperança.
Juízes do Inferno e do Céu, defensores adoráveis da má e definitiva fé.
Ardorosos árbitros do castigo, povo do cão, servidores do mal arresta-nos.
Filho da fealdade, miséria negra, angústia da idade milenar acorrenta-nos!

Quando a noite maléfica cimentar almas e os homens nas suas camas,
desesperados, agarrarem-se aos terços, socorrerem-se nos crucifixos:
é chegada a hora, o Grande Sinal: Está destruído o caminho da esperança.
Destruído o caminho da esperança, obstruído o caminho da esperança.

BOLERO SUBURBANO

> "Mas, por detrás dos cílios líquidos e claros,
> como a menina desses olhos solitários,
> há alguém..."
> Guilherme de Almeida

(Um dia, sozinha no quarto,
pronta para o que der e vier,
compõe os cabelos de milho
e brinca de maquiar sombras):

Reflexiva ao espelho, a menina
reverbera estrela e pedraria.

Reza um pedido ca(n)dente
e logo, logo, se põe a sonhar.

Sonha, menina, sonha,
sonha o hemisfério estelar.

A menina se debruça na janela,
vê a esteira do astro cintilar.

O que pediu está pedido, feito,
o bólido promete determinar.

Baila, menina, baila,
baila a nunca acabar.

A menina viaja veloz,
à velocidade da luz.

Flash, refletor, câmara!
o verde dos olhos seduz.

Finge, menina, finge,
finge o mundo representar.

A menina espelha o vídeo
e imita a estrela no palco.

A fronte orvalha nervosa,
ao sonho entrega-se toda.

Brilha, menina, brilha,
brilha, mas sem ofuscar...

Regina volta para casa:
Irá o mundo se acabar?

O sonho sonhado é perdido?
Não se pode reprisar?

    Acorda, menina, acorda,
    acorda para a vida enfeitar.

(Um dia, de novo sozinha,
desfeita a máscara, se enfeita,
doida e capaz ao que der e vier,
o aplauso vai recordar...)

LEGADO LÍTEROCORPORAL

> “¿Y sí en lugar de la felicidad indiferente,
> irrisorios y trágicos que somos,
> nos saluda un genio maligno?”
> Alberto Villanueva

(Certas exigências no trato deste corpo quando dilacerado):

Não quero choro nem vela, não quero rosa nem flor. Quero riso e cor,
roupa simples no último trajar: bermuda, chinelo e camiseta.
Não quero reza nem encomenda, só uma lânguida incelença,
como quem louva a despedida dos amigos que vão à guerra.

Enterrem meu coração em outro peito, de preferência feminino,
dos olhos façam bom uso e aproveitem outros órgãos utilizáveis.
Pastor? Nem pastar. Nem macumbeiro. Padre? Nem pensar!
(Só se for dos bem safados, com cambada de mulher e filho.)

O resto do velho corpo, adubo não dará, mas sim uma bela fogueira.
Do é sem proveito, juntem com o que escrevi, mais os livros que não li,
mulheres que não amei, tudo que não aprendi: é brasa pra bom churrasco.
Nenhum anúncio em jornal, quanto ao jogar as cinzas no mar.

Cumprida a pagã liturgia, deixem-me em paz comigo mesmo:
no ato seguinte estarei em busca de novos e mais leves amigos...
Nem missa nem necrológio nem *in memoriam* de 7º, 30º ou 360º dia,
relembrem esta figura nos papos informais, regados a chope e cachacinha,
tira-gosto de torresmo, coxas bem gloriosas, sacanagens, piadinhas.

Quem gosta da boa vida: não esqueça o champanhe, ou uísque on the rock.
Também não sou de negar o vinho chateau isso e aquilo ou um rioja añejo:
queijos, frios, fartura – bem ao gosto daqueles que ficam para lembrar
aqueles que se vão, assim de repente, sem mais nem menos, mas ficam na
memória.

Esqueçam logo a seguir, mergulhados com toda alma, no corpo de uma
mulher...

Finis

Rio de Janeiro, 1990/2003

O Autor

Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), desde 1963 reside no Rio de Janeiro. Participou de vários movimentos poéticos nas décadas 60/70/80.

Publicados

Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo-CS, Rio de Janeiro, 1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1981; Chuva Fina (Antologia), org. Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1982; Folguedos (Poesia/Folclore), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed.dos AA, Rio de Janeiro, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1987

Inéditos

Liriana (Contos), O Breve Reinado das Donzelas (Contos), Estrela Ambulante (Contos), O Pacto dos Meninos da Rua Bela (Contos), Ventre das Águas (Romance), Poesia de Cordel - O Poeta é Sua Essência (Ensaios), O Cometa de Halley e Outros Ensaios (Artigos Publicados em Jornais), (Poesia): Pobres Cantares, 20 Poemas Pornôs e 1 Canção Ejaculada, Glosas Escabrosas (Xilogravura de Marcelo Soares), Blues Azuis & Boleros Imperfeitos, Ventre das Águas, Amaricanto, Viola Baudelaireana e Outras Violas, Templo das Afrodites, Amor a São Luís e Ódio, Anjos Pornôs, Macunaíma (Em Cordel)

Outros

Publicou folhetos de cordel como Sá de João Pessoa; Publicou o jornalzinho de poesia Poe/r/ta; Colaborações: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguai), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) ...E outras ovelhas desgarradas, principalmente pela Internet...

Endereço: Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi
20785-000-Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil
Tel: +55 21 2201-2604



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença2.5 Brazil. Para ver uma cópia desta licença, visite http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/br/ ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA. Obs: Após a morte do autor os direitos autorais devem retornar para sua filha Priscila Lima Rovedo.